

## SOBRE A NOÇÃO DE ASPECTO<sup>1</sup>

TERESA CRISTINA WACHOWICZ (UFPR)  
MARIA JOSÉ FOLTRAN (UFPR/CNPQ)

**ABSTRACT** *This paper aims at didacticizing some notions referring to aspect and at clarifying the different terms used in this area. Initially, we provide the properties of the lexical aspect: the division into classes put forth by different authors, the properties of each class, the levels which we consider to apply these properties to. Afterwards, we characterize the grammatical aspect and how it interacts with lexical aspects.*

Key words: *semantics, lexical aspect, grammatical aspect.*

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem uma ambição eminentemente didática: desfazer um nó terminológico no que diz respeito ao tratamento do aspecto. Abordaremos aqui os principais estudos sobre as classes aspectuais (*Aktionsarten*) e sobre o aspecto gramatical. Nossa intenção, além de relacionar as terminologias utilizadas, é esclarecer os diferentes domínios aspectuais, o que permitirá distinguir noções como (a)telicidade e (im)perfectividade.

Ao falar de aspecto, podemos nos referir a diferentes fatos lingüísticos que nos levam à interpretação de uma sentença. Há aí dois domínios que se relacionam intimamente e freqüentemente se confundem: o domínio do **aspecto lexical** que, em geral, não se limita ao nível lexical, e o domínio do **aspecto gramatical** que, de modo geral, pode ter uma manifestação morfológica mais efetiva. O aspecto lexical está relacionado às classes aspectuais ou classes acionais ou *Aktionsarten* e diz respeito a propriedades lexicais que ou são caracterizadas por uma morfologia derivacional ou não são lexicalmente caracterizadas. Smith (1991) atribui a esse domínio o rótulo de aspecto de situação. É aí que localizamos a oposição télico vs. atélico. O aspecto gramatical, por sua vez, é caracterizado, em algumas línguas, por uma morfologia flexional que acarreta eminentemente a distinção perfectivo vs. imperfectivo. Segundo Smith (1991), é o aspecto do ponto-de-vista. Esses domínios também interagem com o tempo verbal (*tense*), que trata da localização temporal de uma eventualidade na linha do tempo e em relação ao momento da fala. A questão da localização temporal não será preocupação central deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado pela primeira vez, em forma de comunicação, no 53º Seminário do GEL (São Carlos/SP-2005). Agradecemos aos presentes pelas valiosas contribuições. Agradecemos também a Renato Basso e Eduardo Nadalin pelos comentários enriquecedores sobre a versão final.

O tratamento desses dois níveis aspectuais deu origem, na literatura, a uma terminologia bastante diversa e a tratamentos que diferem a respeito do escopo de cada um. O presente trabalho tem por meta traçar um paralelo entre diferentes autores a fim de esclarecer a diferença terminológica, além de explicitar essas noções. Procuramos, também, esclarecer as diferentes posições teóricas em relação a que nível lingüístico se deve atribuir certas propriedades como télico/atélico vs perfectivo/imperfectivo, dentre outras. Para isso, o trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos a divisão clássica proposta para as classes acionais e as distinções básicas que essas classes acarretam. Discutimos aí, também, o problema de se considerar essas classes como propriedades lexicais, ou seja, o que são e se há, na verdade, traços intrínsecos do léxico. Na seção 2, mostramos a forma como o aspecto lexical interage com o aspecto gramatical e de que modo podemos ler as informações aspectuais nos diferentes domínios, apontando exemplos do português brasileiro (PB) e das línguas eslavas.

## 1.0 CLASSES ACIONAIS

Nesta seção, em 1.1., vamos abordar a divisão clássica dos predicados em classes acionais (vamos privilegiar essa nomenclatura em detrimento de “classes aspectuais”, visto que ela minimiza a confusão terminológica e já vem sendo usada no Brasil e em outros países). Apresentaremos, também, as principais propriedades concernentes ao domínio acional, ou seja, que traços ou propriedades são utilizados para se definir cada classe (1.2). Uma discussão que é central neste âmbito é estabelecer em que nível lingüístico se aplicam tais propriedades (1.3).

### 1.1. AS CLASSES VENDLERIANAS

A divisão das classes acionais mais utilizada pela lingüística está em Vendler (1967). Essa classificação sistematiza uma discussão anterior que remonta a Aristóteles e retoma os trabalhos de Ryle e Kenny (*apud* Vendler (1967)). A idéia de Vendler é a de que o uso do verbo pode sugerir uma forma particular de como tal verbo pressupõe e envolve a noção de tempo (*time*)<sup>2</sup>. Assim, as expressões verbais realizam diferentes esquemas de tempo (*time schemata*) que podem ser depreendidos da divisão quadripartite: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*<sup>3</sup>. Para entendermos melhor essa classificação, vamos partir dos exemplos em (1).

- (1) a. Os alunos sabem matemática.  
b. As crianças nadam bem.

---

<sup>2</sup> Vamos nos servir, algumas vezes, da distinção que faz o inglês entre *time* e *tense*, já que a distinção entre tempo e tempo verbal fica imbricada quando se fala de verbos.

<sup>3</sup> Seguindo uma certa tradição, vamos manter os termos *accomplishment* e *achievement* em inglês, embora eles já encontrem traduções em alguns trabalhos, como o de Lobato 2004, por *processo culminado* e *culminação*, respectivamente.

c. A Teresa comeu duas maçãs.

d. A Renata perdeu a caneta.

Para Vendler, as sentenças acima exemplificam os esquemas temporais mais comuns no uso dos verbos. Em (1)a, temos um **estado**. Segundo Vendler, eles se caracterizam por serem não-agentivos e por não indicarem processos que se desenvolvem no tempo. Expressam qualidades e não constituem resposta adequada a uma pergunta do tipo “o que os alunos fazem?”. Os estados realizam um esquema temporal em que, se A sabe matemática de  $t_1$  a  $t_2$ , significa que em qualquer intervalo de tempo entre  $t_1$  e  $t_2$  A sabe matemática, ou seja, se eles são verdadeiros em um intervalo de tempo específico, eles também serão verdadeiros em cada subintervalo desse intervalo. Em (1)b, temos uma **atividade**. Ao contrário dos estados, as atividades são processos que se desenvolvem no tempo, são agentivos e constituem respostas adequadas à pergunta “o que as crianças fazem?”. Como os estados, as atividades são homogêneas, pois qualquer de suas partes é da mesma natureza que o todo, mas se diferenciam dos estados porque podemos, nas atividades, identificar diferenças nos subintervalos: numa atividade como “as crianças nadam” é possível perceber fases diferentes, i. e., determinados momentos em que elas nadaram mais ou menos rapidamente, ou momentos em que deram uma pequena parada, etc<sup>4</sup>. Já em “os alunos sabem matemática”, não se pode identificar mudanças desse tipo e isso é crucial para se distinguir atividades de estados. O exemplo (1)c é um **accomplishment** – também se desenvolve no tempo, com a diferença que se encaminha para um ponto determinado que é logicamente necessário para ser o que é. Quando dizemos que “alguém nada”, não é preciso atingir um determinado ponto para *nadar* ser o que é; já em “comer duas maçãs”, é necessário que se chegue ao fim da segunda maçã para que “comer duas maçãs” seja uma sentença verdadeira. Quanto às partes constitutivas de um *accomplishment*, pode-se afirmar que se ele é verdadeiro em um intervalo de tempo particular, ele não o é nos subintervalos desse intervalo: comparando com *nadar*, em que cada fatia é igual ao todo (é *nadar*), as diferentes fatias de *comer duas maçãs* não são *comer duas maçãs*, ou seja, cada fatia constitui parte necessária para que *comer duas maçãs* se complete e seja o que é. Vendler utiliza o termo “ponto final determinado”<sup>5</sup> para caracterizar os *accomplishments*. Os **achievements**, conforme o exemplo (1)d, têm quase todas as características dos *accomplishments*, com a diferença de que são pontuais, ou seja, predicam de momentos de tempo únicos. “A Renata perdeu a caneta” não se desenvolve no tempo; antes disso, falamos de algo instantâneo: ela tinha uma caneta e ela não a tem mais, i. e., falamos dessa passagem do *ter* para o *não ter* a caneta.

Em resumo, essa é a forma como Vendler apresenta as classes acionais, referidas por ele como classes de verbos ou esquemas temporais predicados pelos verbos. É importante observar que Vendler afirma que a diferença entre uma e outra classe não pode ser explicada em termos de tempo somente (presente, passado e futuro). Outros fatores, como “presença ou ausência de objeto, condições, estados de coisas pretendidos, também entram em cena”<sup>6</sup>. (*op. cit.*, p. 97). Essa observação é importante para o que vamos discutir na seção 1.3.

<sup>4</sup> Essa diferença decorre do fato de as atividades, ao contrário dos estados, serem dinâmicas.

<sup>5</sup> *Set terminal point*

<sup>6</sup> Tradução nossa.

O trabalho de Vendler foi exaustivamente retomado por outros autores que propuseram ou rótulos diferentes para denominar as diferentes classes gerando classificações diferentes ou um refinamento de traços para defini-las de forma mais explícita. O entendimento de que verbos referem tipos de ação ou estado fez com que essa classificação se tornasse uma das bases para uma teoria de eventos como a neodavidsoniana (Parsons (1990)). O termo **evento** é usado de diferentes maneiras pelos autores: para alguns, denomina apenas os *accomplishments* e *achievements*; outros incluem entre estes as atividades; outros, ainda, usam o termo para denominar todas as classes. Para evitarmos mal-entendidos, vamos usar, quando for necessário, o termo **eventualidade**, um termo genérico cunhado por Bach (1986), que foge à distinção não-dinâmico (estados) e dinâmico (as outras classes).

Na seção seguinte, vamos apresentar alguns conceitos que foram surgindo para refinar e/ou reformular a classificação de Vendler ou, ainda, para estabelecer distinções básicas. Na seção 1.3, vamos mostrar as divergências em relação a que se aplicam tais classificações.

## 1.2. PROPRIEDADES DAS CLASSES ACIONAIS

Dowty (1979) refina os critérios que caracterizam as classes vendlerianas, começando por opor os estativos aos não-estativos. Ao contrário daqueles, os não-estativos apresentam as seguintes propriedades: a) ocorrem no progressivo<sup>7</sup>, ocorrem como complemento de *forçar* e *persuadir*, ocorrem no imperativo, ocorrem com os advérbios *deliberadamente* e *cuidadosamente*. A idéia é que, diferentemente dos estados, todas as outras eventualidades são dinâmicas.

As atividades distinguem-se dos *accomplishments* pela restrição sobre os advérbios de tempo com os quais podem ocorrer e pelos acarretamentos que apresentam. Alguns dos fatos apontados por Dowty para as **atividades** e **accomplishments** são:

a) Verbos de *accomplishments* tomam sintagmas adverbiais do tipo *em X tempo* e excepcionalmente *por X tempo*; atividades permitem advérbios *por X tempo*.

- (2) a. ?Meu amigo pintou o quadro por uma hora.  
b. Meu amigo pintou o quadro em uma hora.

- (3) a. A Fernanda andou por uma hora.  
b. \*A Fernanda andou em uma hora.

Essas expressões adverbiais têm justamente a propriedade de revelar a natureza do esquema temporal predicado pelo verbo. O questionamento colocado para (2)a se deve ao fato de que não se pode afirmar, a partir daí, que meu amigo pintou o quadro, enquanto que, em relação a (3)a, pode-se concluir que Fernanda andou e que seu andar perdurou por uma hora. Por outro lado, *em X tempo* é uma expressão apropriada para eventualidades que têm

---

<sup>7</sup> A questão de ocorrer ou não no progressivo será explicada um pouco mais à frente com os exemplos (9) e (10).

um ponto terminal, como (2)b, e não é adequada para atividades, como mostra (3)b. Só se aceita (3)b para o caso de termos subentendida uma distância limitada – essa distância, se houver, será um ponto final determinado para a eventualidade, o que faz com que funcione exatamente como (2)b. Voltaremos a isso mais adiante.

- b) Os acarretamentos de verbos de atividades com sintagmas com *por* diferem dos de verbos de *accomplishments*, nas mesmas condições. Se Fernanda andou por uma hora, então, em qualquer momento durante essa hora, é verdade que Fernanda andou. As atividades se cumprem a cada uma de suas partes, já os *accomplishments* não: se meu amigo pintou o quadro por uma hora, então não é verdade que ele pintou o quadro em todos os momentos durante essa hora, ou seja, que ele chegou ao resultado final em todos os intervalos que compõem essa hora.
- c) Acarretamentos de tempo progressivo para tempo não progressivo também distinguem atividades de *accomplishments*: se *andar* é uma atividade, então *Fernanda estava andando* acarreta que Fernanda andou. Se *pintar o quadro* é um *accomplishment*, então *meu amigo estava pintando o quadro* não acarreta que meu amigo pintou o quadro. Ao falar dos *accomplishments*, Dowty (1979) observa que essa classe invariavelmente envolve “*the coming about of a particular state of affairs*” (p. 133). O fato de uma sentença com *accomplishments* no progressivo não implicar obrigatoriamente um resultado final, mas de se precisar ter esse ponto final em vista para poder aferir seu sentido é conhecido como “paradoxo do imperfectivo”. O uso do progressivo permite distinguir atividades de *accomplishment* em relação a esse paradoxo.
- d) Acarretamentos distintos também aparecem se os dois tipos de verbos são usados como complementos de *parar*.

- (4) a. Meu amigo parou de pintar o quadro.  
b. Fernanda parou de andar.

De (4)b podemos concluir que Fernanda andou, enquanto que de (4)a não podemos concluir que meu amigo pintou um quadro, mas somente que ele estava pintando, podendo ou não ter terminado.

- d) O advérbio *quase* tem efeitos diferentes.

- (5) a. Meu amigo *quase* pintou um quadro.  
b. Fernanda *quase* andou.

Enquanto (5)b acarreta que Fernanda não andou de fato, (5)a é ambígua: a) meu amigo tinha a intenção de pintar um quadro, mas mudou de idéia e não o fez; ou b) meu amigo começou a trabalhar na pintura e quase a terminou. Essa segunda leitura não se aplica a verbos de atividades.

Outros testes caracterizam verbos de *achievement*:

- a) Construções com verbos de *achievements* e sintagmas adverbiais com *por* soam estranhas.

- (6) a. O Murilo ganhou o jogo em poucos minutos.  
 b. ??O Murilo ganhou o jogo por poucos minutos.

b) Os acarretamentos de *achievements* também diferem dos de *accomplishments*. Se *meu amigo pintou um quadro em uma hora* é verdadeira, então é verdade que meu amigo estava pintando um quadro durante aquela hora. Mas da verdade de (6)a, não se pode concluir que *Murilo estava ganhando o jogo* durante um período de poucos minutos.  
 c) Diferentemente de verbos de *accomplishment* e verbos de atividades, verbos de *achievement* são geralmente inaceitáveis como complementos de *parar*.

- (7) \*O Murilo parou de ganhar o jogo.

d) *Quase* não produz com *achievements* a ambigüidade que produz com *accomplishments*.

- (8) O Murilo *quase* ganhou o jogo.

Assim Dowty sistematiza os critérios para, de maneira mais precisa, diferenciar as classes vendlerianas. A partir daí, desenvolve sua hipótese de que as diferenças entre as classes verbais podem ser explicadas em termos da presença dos operadores abstratos, tais como *cause*, *become* e *do*. A análise de Dowty reduz os verbos de atividades, *accomplishments* e *achievements* a predicados estativos no escopo de algum operador. O verbo de estado passa a ser, assim, um primitivo. A decomposição lexical das classes aspectuais fica estabelecida da seguinte forma, em que  $\phi$  e  $\psi$  são predicados estativos e CAUSE, BECOME e DO são operadores:

- a) O predicado *accomplishment* teria a seguinte forma lógica:  
 $[\phi \text{ cause } [\text{become } \psi ]]$ .  
 b) Já a forma lógica das atividades seria  
 $[\phi \text{ do } [\text{cause } \psi ]]$ .  
 c) Finalmente, os *achievements* teriam a seguinte representação:  
 $[\text{become } \phi]$ .

Intuitivamente, as formas lógicas propostas por Dowty, sugerem que olhemos para a estrutura interna de cada eventualidade: os estados não têm estrutura interna; os *accomplishments* são regidos por um operador *causa* que tem como alvo um resultado final – por ter esta estrutura, os *accomplishments*, eventos complexos, incorporam a idéia de um agente causador; os *achievements*, por sua vez, apresentam uma mudança de estado ( $\neg\phi$  para  $\phi$ ), que é pontual. A ausência de um operador *causa* acarreta, conseqüentemente, a ausência de um agente, o que passa a ser usado como um dos traços diferenciadores entre *accomplishments* e *achievements*. Já as atividades “acontecem”.<sup>8</sup>

As definições de Vendler, refinadas por Dowty, foram adquirindo um estatuto teórico ao receberem um tratamento mais formal nos trabalhos que apareceram na seqüência. A

---

<sup>8</sup>Não seria possível apresentar aqui todos os tratamentos já dados às classes acionais. Uma forma lógica alternativa é apresentada em Pustejovsky 1995.

classificação quadripartite de Vendler está centrada principalmente em dois eixos: se o tipo de eventualidade tem um ponto final natural (ponto télico) e se pode ser analisada como um evento em progressão ou desenvolvimento (se é dinâmico ou se tem estágios). Rothstein (2004) sistematiza essas noções e mostra as diferentes propriedades que foram se agregando às classes acionais a partir desses dois eixos iniciais.

O **ponto télico**, também chamado de culminação ou ponto final determinado (*set terminal point*), agrupa estados e atividades de um lado e *accomplishments* e *achievements* de outro. Eventualidades do primeiro tipo são [-télicas] ou atélicas e acarretam que, uma vez iniciadas, podem se desenrolar indefinidamente, pois a natureza dessas eventualidades não determina seu ponto final. Eventualidades [+télicas] se encaminham em direção a um ponto final, cujas propriedades são determinadas pela descrição do evento. Assim, na descrição de *saber matemática*, *amar* ou *nadar* e *correr* não há nenhuma especificação sobre um determinado ponto que pudéssemos afirmar que só a partir deste ponto a eventualidade se realiza como tal, sendo, por isso, caracterizadas como eventualidades atélicas. Já em *pintar o quadro*, *comer duas maçãs*, *perder a caneta*, *ganhar o jogo*, é necessário chegar ao ponto de culminação para que essas eventualidades sejam verdadeiras. O ponto de culminação será o momento em que o quadro estiver pronto, as duas maçãs forem devoradas, a caneta estiver perdida, o jogo estiver ganho. Antes disso, não se pode dizer que elas se realizam. Naturalmente, como afirma Rothstein, eventualidades como *correr* ou *nadar* não se prolongam indefinidamente, como também sabemos que as pessoas param de *amar*, mas não há nada nessas descrições que torna possível identificar um ponto final. Por outro lado, *achievements* e *accomplishments* têm um ponto final natural determinado pela descrição da eventualidade, mesmo que seja um tanto vago. O ponto final de ler um livro seria a leitura da última página ou a leitura dos comentários do posfácio, ou o momento em que se coloca o livro na prateleira? Essa imprecisão abre espaço para uma determinação contextual que não impede, no entanto, que se estabeleça que tal eventualidade tenha um ponto final<sup>9</sup>.

A partir dessa noção de ponto télico, Krifka (1992, 1998) identifica as noções de **cumulatividade** e **quantização** como propriedades determinantes para a atelicidade ou telicidade de um predicado. Assim, *correr* e *nadar* seriam **cumulativos**, pois a soma de duas eventualidades de *correr* também se encaixa na denotação de *correr*, enquanto *comer duas maçãs* é não-cumulativo, já que a soma de duas eventualidades de *comer duas maçãs* não seria *comer duas maçãs*, mas *comer quatro maçãs*. Já **quantizado**, diz respeito à natureza das partes: as partes próprias de uma eventualidade quantizada X não estão na denotação de X, ou seja, qualquer parte na eventualidade de *comer duas maçãs* não é *comer duas maçãs*. A propriedade oposta à quantização é a **homogeneidade**, i. e., as partes próprias de X, também são X: qualquer parte da eventualidade de *nadar* é *nadar*. Portanto, a homogeneidade está relacionada à não-quantização. Segundo Rothstein, predicados

---

<sup>9</sup> Como lingüistas, o que nos interessa é que as línguas naturais são sensíveis ao fato de o evento ter ou não ter um ponto final, uma culminação. A discussão a respeito do ponto exato em que o evento culmina não é relevante para a linguagem. O evento de *construir uma casa* pode ser dado como verdadeiro no momento em que se cobre a casa com uma lona, ou, numa outra situação, no momento em que se colocam as fechaduras, ou, ainda, no momento em que se instala a hidromassagem. Isso é determinado pelo contexto.

homogêneos tendem a ser cumulativos, embora isso não seja obrigatório. Em alguns casos, homogeneidade não acarreta cumulatividade, como nas atividades transitivas do tipo *empurrar um carrinho*: duas eventualidades de *empurrar um carrinho* podem formar um evento que está na denotação do predicado somente se o referente de carrinho e a pessoa que empurra forem os mesmos.

O segundo eixo que caracteriza as classes acionais, além do [± télico], é o fato de os predicados poderem ou não ocorrer no progressivo. A intuição que está por trás do teste do progressivo diz respeito não exatamente à ocorrência do progressivo<sup>10</sup>, mas ao valor que se dá a ele, ou seja, a que interpretação ele nos leva. Assim, sentenças como as em (9) têm uma interpretação diferente das em (10).

- (9) a. Os meninos estão correndo no jardim.  
b. A Maria está construindo uma casa.

- (10) a. A Natasha está amando.  
b. As crianças estão chegando.

O teste do progressivo separa as atividades e *accomplishments* de um lado dos estados e *achievements* de outro. Para Rothstein, a interpretação que se dá aos primeiros (exemplos em (9)) é a de uma eventualidade que progride, que se desenvolve no tempo, que pode ser dividida em estágios: (9)a afirma que os meninos estão no meio de uma atividade de correr; (9)b assevera que Maria está no meio de uma eventualidade de construir uma casa. No entanto, não é este o sentido natural para as sentenças em (10). As eventualidades de *amar* e *chegar* não se decompõem em granularidades que se desenvolvem no tempo: no primeiro caso, porque *amar* não apresenta granularidades; no segundo, porque temos uma eventualidade instantânea. No caso dos *achievements*, em particular, o progressivo tem uma interpretação equivalente a uma eventualidade que está *a ponto de* acontecer: (10)b significa que as crianças estão a ponto de chegar; se dizemos que *a Renata está perdendo a caneta* significa que está a ponto de perder a caneta. Quanto aos estados do tipo (10)a, não é natural a interpretação de que progridem ou se desenvolvem no tempo, porque são inerentemente **não-dinâmicos**: não apresentam características agentivas. Rothstein sistematiza o teste do progressivo por meio da noção de **estágio**, retirada de Landman (*apud* Rothstein (2004)), em que “*e* é um estágio de *e*’ se *e* se desenvolve em *e*’” (p. 12). Assim, (9)a afirma que um estágio da eventualidade de *correr* que tem *os meninos* como agente está em desenvolvimento, e (9)b diz que um estágio de *construir a casa* com Maria como agente<sup>11</sup> progride.

<sup>10</sup> Diante da observação que os estativos não podem ser usados no progressivo, muitos autores apresentam contra-exemplos, principalmente quando se trata do português brasileiro (a esse respeito, ver Basso & Ilari (2004). Mesmo no inglês, há contra-exemplos para essa restrição. Rothstein (2004) chama a atenção para a diferença no uso do progressivo e é isso que agrupa estados e *achievements* de um lado e atividades e *accomplishments* de outro. A autora atribui essa diferença ao fato de os primeiros serem [- estágio] e os segundos [+ estágio] (ver quadro em (11)).

<sup>11</sup> A noção de *agente*, bastante controversa na literatura, não recebe uma definição mais precisa. Intui-se que os autores usam essa noção para entidades que exercem o controle da situação.



A partir desses dois eixos ([± télico] e [± estágio]), Rothstein chega a um quadro bastante enxuto, por meio do qual define as quatro classes vendlerianas.

(11)

	[+ - estágio]	[+ - télico]	exemplos
Estados	-	-	amar, saber, ser, estar, ter possuir
Atividades	+	-	correr, nadar, empurrar o carrinho
Achievements	-	+	chegar, ganhar o jogo, perder a caneta
Accomplishments	+	+	construir a casa, desenhar um círculo, pintar o quadro

Bertinetto (2001) se coloca uma tarefa muito próxima. Além das noções já explicitadas neste trabalho, Bertinetto usa, ainda, a noção de durativo, também corrente na literatura. Essa noção implica a quantidade de tempo físico que cada eventualidade pode ocupar. Assim, enquanto (12)a soa natural, o mesmo não se pode dizer das eventualidades durativas em (12)b e (12)c.

- (12) a. Ele alcançou o cume da montanha ao meio dia.  
 b. ?? João gostou da música ao meio dia dois dias atrás.  
 c. \*João escreveu sua dissertação às 5 horas, na terça-feira passada.<sup>12</sup>

Além da propriedade **durativo**, Bertinetto utiliza as propriedades **homogêneo** e **dinâmico**. O traço dinâmico se liga à noção de agentividade, como já apresentado aqui. Com homogeneidade, o autor exprime a propriedade que as eventualidades têm de possuírem sub-intervalos: se um evento *f* ocorre no intervalo *I*, *f* também ocorre em qualquer sub-intervalo relevante de *I*. Assim, o autor define as classes acionais a partir dessas três propriedades combinadas aos valores [±], como mostra o quadro abaixo.

<sup>12</sup> Tradução dos exemplos de Bertinetto (p. 179).

(13)

	durativo	dinâmico	homogêneo
Estados	+	-	+
Atividades	+	+	+
Achievements	-	+	-
Accomplishments	+	+	-

Certamente não se esgotam, com isso, as diferentes formas de se definirem as classes acionais, mas acreditamos que as propriedades mais representativas utilizadas na vasta literatura que cobre essa área foram apresentadas.

### 1.3. O ASPECTO LEXICAL É LEXICAL?

A questão que iremos discutir agora diz respeito a que nível da sentença se aplicam as propriedades acionais. Essa discussão gira em torno da idéia de que as categorias privilegiadas para receber tais propriedades seriam V ou VP. A tradição atribui a Vendler (1967) a análise de que seriam os verbos os responsáveis por carregar tais traços – constituindo essa uma das grandes críticas ao seu trabalho. A tradição também atribui a Verkuyl (1972) a afirmação de que essas seriam propriedades do VP. Uma ponderação aqui é necessária. Sem dúvida, Vendler fala em verbos e, conseqüentemente, classes verbais. No entanto, os exemplos utilizados pelo autor não deixam dúvidas de que ele não se atém ao verbo como item lexical, mas a algo que instancia um esquema temporal, ou melhor, os verbos predicam de um esquema de tempo constituído por meio deles. Muitas vezes, precisa-se levar em conta a presença ou ausência de objetos (como afirma na p. 97), além de outras condições. Isso fica claro se observarmos que Vendler opõe *correr* (uma atividade) a *correr uma milha* (um *accomplishment*), ou *desenhar* (uma atividade) a *desenhar um círculo* (um *accomplishment*)<sup>13</sup>. Certamente, Vendler não fala

<sup>13</sup> Vendler apresenta uma longa discussão de como a categorização de um mesmo verbo pode se alterar, o que mostra que ele não se atém no item lexical em si. Talvez pudéssemos dizer que sua preocupação é descrever os estados de coisas, da forma como eles existem no mundo. Observe-se o seguinte trecho: "From the point of view of time schemata, *being married*, *being present or absent*, *healthy or ill*, and so on also behave like states. But then we can take one more step and realize that this is true of all qualities. Indeed, something is hard, hot, or yellow for a time, yet to be yellow, for instance, does not mean that a process of yellowing is going on. Similarly, although hardening is a process (activity or accomplishment), being hard is a state. (...) Habits (in a broader sense including occupations, dispositions, abilities, and so forth) are also states in our sense. Compare the two questions: Are you smoking? And Do you smoke? The first one asks about an activity, the second, a state. This difference explains why a chess player can say at all the time that he plays chess and why a worker for the General Electric Company can say, while sunbathing on the beach, that he works for General Electric." (p.108)

em sintagmas verbais, mas parece claro que tem em mente algo que vai além do item lexical em si, algo que constitui e caracteriza o esquema temporal. Portanto, estados, atividades, *accomplishments* e *achievements* seriam propriedades desses esquemas temporais.

Por sua vez, Verkuyl (1972, 1993, 1999) atém-se ao fato de que os verbos podem integrar estruturas com diferentes propriedades aspectuais e, assim, télico e atélico serão propriedades determinadas primordialmente pelo objeto direto – dependendo se o argumento vier acompanhado de determinante definido, quantificado ou genérico. Essa é uma posição defendida por muitos autores que o sucederam. Bertinetto (2001) observa que há duas condições, pelo menos, para se atribuir uma classe acional a um predicado. A primeira seria o fato de que o predicado deve ser entendido como um esquema argumental, ou seja, o predicado e seus argumentos. Assim, *desenhar* é sempre uma atividade, enquanto *desenhar um círculo* é uma *accomplishment*. A segunda condição diz respeito à natureza do sintagma que ocupa a posição de complemento. Para esse sintagma, os traços relevantes são [ $\pm$ determinado] e [ $\pm$ singular]. Enquanto *desenhar um, três, vários círculos* é um *accomplishment*, *desenhar círculos* é uma atividade. Enquanto *João caiu* é um *achievement*, *as pedras caíram na estrada durante todo o verão* é uma atividade<sup>14</sup>. Para Bertinetto, a classificação não se refere ao predicado em si, mas a um conjunto de diferentes contextos em que ele ocorre. Essa classificação é especificada na relação com os argumentos relevantes e na estrutura dos sintagmas de determinante relevantes.

Rothstein (2004) retoma a tradição vendleriana e os estudos de Dowty para defender a importância do léxico nessa classificação. A autora assume que as distinções aspectuais, ou acionais como usamos aqui, não são propriedades dos eventos no mundo, mas são distinções feitas a partir das expressões linguísticas utilizadas. A idéia da autora é que usamos certas expressões que nos permitem isolar (individualar) um evento no mundo tal como entendemos que ele seja. Os verbos denotam conjuntos de eventos e são classificados em classes lexicais dependendo das propriedades desses eventos numa dada descrição particular. Para Rothstein, ao dizer que tal eventualidade é uma atividade, o termo *atividade* nos permite restringir as propriedades dessa eventualidade: é dinâmica, tem estágios, etc. Dizendo de outro modo, a classificação em classes acionais pode expressar o conjunto de restrições sobre que tipos de significados o verbo pode ter e que tipos de eventos podem estar na denotação dos verbos. Assim, as classes não são generalizações acidentais sobre o sentido lexical, mas são moldes (*templates*) independentemente caracterizáveis que restringem o sentido lexical.

Para abordar essa questão, Rothstein discute duas posições diferentes: a de Verkuyl, que defende que a distinção aspectual deve ser calculada no nível VP – na interação do verbo com seu argumento – e a de Krifka, que está entre os autores que preferem a idéia de que uma classificação aspectual dos verbos é útil e procurou tornar explícita a relação entre o verbo e o objeto.

---

<sup>14</sup> Aqui simplesmente traduzimos os exemplos de Bertinetto. Vale observar, no entanto, que certos determinantes ou quantificadores podem ter valores diferentes de uma língua para outra. Temos a sensação, por exemplo, de que a sentença *desenhou vários círculos*, em português, está mais para atividade. Isso demanda uma pesquisa mais aprofundada sobre como os quantificadores interferem nas características acionais da sentença.

A autora opta pela segunda abordagem. Argumenta que a classificação dos verbos reflete as propriedades dos eventos em sua denotação e isso pode ser usado para fazer predições sobre o modo como os verbos de uma dada classe aspectual interagem com argumentos e modificadores. Assim, “estados”, “atividades”, “*achievements*” e “*accomplishments*” serão propriedades dos verbos. Telicidade e atelicidade, no entanto, serão propriedades de VPs<sup>15</sup> e serão características de uma classe de verbos particular que permite serem a telicidade e a atelicidade determinadas de uma maneira e não de outra. Segundo Rothstein, *construir uma casa* e *construir casas* são, respectivamente, VPs télico e atélico nucleados por um verbo de *accomplishment*, e *correr até a loja*, ou *correr uma milha* são ambos VPs atélicos, nucleados por um verbo de atividade.

O argumento central de Rothstein para sustentar essa posição é o fato de que se pode prever que classes de verbos podem mudar de classificação e que elementos podem concorrer para isso. Por exemplo, somente *accomplishments* podem ter sua telicidade alterada em decorrência do objeto direto, sendo essa, portanto uma propriedade exclusiva dessa classe. Pode-se alterar livremente o objeto direto de um verbo de atividade sem que isso acarrete mudança de telicidade, como se pode ver no exemplo (14)<sup>16</sup>.

- (14) a. Ele empurrou um carrinho/carrinhos por uma hora.  
 b. Ele martelou o prego/pregos por uma hora.  
 c. Maria ninou o bebê/ bebês por uma hora.<sup>17</sup>

Todos os predicados de (14) são atividades e a alteração do complemento determinado por nominais nus não acarreta nenhuma mudança de telicidade. Esses verbos podem ter a telicidade do predicado que nucleiam alterada por sintagmas de medida ou de distância – constituintes não-subcategorizados, como se pode ver em (15).

- (15) a. Ele empurrou o carrinho até a loja em uma hora.  
 b. Ela correu dez quilômetros em uma hora.

Os *accomplishments*, e somente eles, ao contrário, são sensíveis à estrutura interna do seu complemento, como mostra (16).

- (16) a. Ela pintou um quadro em dois dias.  
 b. \*Ela pintou quadros em dois dias.  
 c. Ela pintou quadros durante/por um mês.

---

<sup>15</sup> Isso parece entrar em conflito com o fato de a autora usar o traço [ $\pm$  télico] para definir as classes acionais. Ela observa que os dados apresentados no quadro em (11) devem ser relativizados, já que a oposição entre verbos de atividade e de *accomplishment* não se traduz no fato de que os primeiros são atélicos e os segundos não, mas há aí uma oposição mais refinada: uma atividade não tem um *telos* determinado na relação com seu argumento, enquanto os verbos de *accomplishments* têm um ponto atélico determinado na relação do verbo com o argumento tema.

<sup>16</sup> As atividades mudam o traço na composição com sintagmas de medida e de trajeto: *Gil nadou até a ilha*. pode haver outras operações que mudam esse traço, como as construções resultativas do inglês que transformam atividades em *accomplishments*, como em *John hammered the metal flat*.

<sup>17</sup> Como veremos mais adiante, as expressões adverbiais *por X tempo* e *em X tempo* revelam a natureza da eventualidade quanto ao ponto final: *por X tempo* revela eventualidades atélicas, enquanto *em X tempo* revela eventualidades atélicas.

Compartilhamos com Rothstein a idéia de que, apesar de certas propriedades acionais serem inferidas da combinação do verbo com outros elementos da sentença, ou seja, como um fenômeno estrutural, o léxico traz uma contribuição bastante relevante para se determinar a acionalidade. O aspecto gramatical, ao contrário, jamais estará vinculado a propriedades lexicais, como veremos na próxima seção<sup>18</sup>.

## 2.0. O ASPECTO GRAMATICAL

A informação aspectual de natureza lexical toma dimensões para além do item verbal isoladamente e envolve informações semânticas do objeto. Foi o que motivou Rothstein (2004) a atribuir o traço [±télico] ao VP e atribuir as classes acionais (estado, atividade, *accomplishment*, *achievement*) ao verbo. Foi o que motivou também Verkuyl (2005) a atribuir o termo “aspecto predicacional” aos fenômenos lexicais, e quantificacionais aos fenômenos internos ao VP. Além disso, o aspecto lexical exhibe evidências semânticas a partir de distinções de propriedades (durativo, dinâmico e homogêneo, por exemplo), e a partir de restrições adverbiais e flexionais. A seção 1 deste artigo teve o objetivo de explicitar esses fenômenos.

Mas o aspecto vai além das informações lexicais. As flexões verbais, num nível mais próximo ao lexical, também atuam na interpretação aspectual da sentença. Porém, mais do que manter ou mudar o tipo de classe aspectual do nível lexical, as operações morfológicas da flexão introduzem outra leitura, agora relacionada ao limite (ou não) da situação, à ação vista de forma completada ou não, ou ao que comumente é chamado por aspecto perfectivo (ou imperfectivo) da sentença.

Logo, as informações lexicais estão para as classes acionais dos verbos e aos traços [±télico] do VP, ou para o aspecto lexical, assim como a morfologia verbal está para as leituras perfectiva vs. imperfectiva, ou para o aspecto gramatical. Na confusão terminológica da área, esse paralelo é o que os autores chamam de aspecto de situação e aspecto de ponto-de-vista (Smith 1991), acionalidade e aspecto (Comrie 1976, Bertinetto 2001), descrição de eventualidade e aspecto (De Swart 1998). Toda essa simplificação, no entanto, é questionada quando da análise das línguas eslavas.

Nesta seção, abordaremos o papel das flexões verbais em dados do PB nas definições de (im)perfectividade, avaliando algumas interfaces com a leitura temporal (2.1). Além disso, apresentaremos a questão da leitura aspectual das línguas eslavas em suas implicações lexicais ou gramaticais (2.2).

## 2.1. O ASPECTO DA MORFOLOGIA FLEXIONAL

Os tempos verbais das sentenças exemplificadas na seção 1 são variados, mas para que o verbo denote um *accomplishment* ou *achievement* privilegia-se o passado perfeito; e

---

<sup>18</sup> As línguas eslavas parecem ser um contra-exemplo a afirmações desse tipo. Na última seção deste trabalho, tecemos algumas considerações a respeito.

isso é sintomático. Para as leituras de *accomplishments* e *achievements*, é preciso abordar tipos de ações que já aconteceram, sobretudo se no léxico estiver marcado o ponto final dessas ações. Já para as leituras de estado e atividade, é melhor abordar ações em curso. Os exemplos em (1), repetidos abaixo como (17), mostram que é possível interpretar verbos de estado e atividade no presente simples, enquanto que os VPs *accomplishments* e *achievements* ficam evidentes no passado perfeito:

- (17) a. Os alunos sabem matemática.  
 b. As crianças nadam bem.  
 c. A Teresa comeu duas maçãs.  
 d. A Renata perdeu a caneta.

Mas, se o tratamento é lexical, por que há a necessidade de se adaptar o tempo verbal? Se as sentenças em (1) estiverem no passado imperfeito, a interpretação anterior estaria em cheque:

- (17') a. Os alunos sabiam matemática.  
 b. As crianças nadavam bem.  
 c. A Teresa comia duas maçãs.  
 d. A Renata perdia a caneta.

A sentença com verbo estativo (17')a e a com verbo de atividade (17')b não perdem sua leitura lexical, mas (17')c e (17')d, por outro lado, parecem perder a propriedade de ponto final da ação, transformando-se ambas em atividade. Mas aí vem a questão teórica central deste ponto: as flexões verbais mudam o tipo da eventualidade denotado ou elas operam em outro nível de leitura aspectual? Em outros termos: há coerção de tipo de classe acional, conforme defendido por De Swart 1998, ou há níveis composicionais diferentes e hierárquicos do aspecto, conforme Verkuyl 1993?

Preferimos, neste artigo, conforme apontado na seção 1, adotar uma posição híbrida, segundo a qual há traços lexicais, há informação do VP e há também informação da flexão verbal: cada nível com seu papel aspectual próprio. Se Rothstein (2004) atribui ao verbo as classes acionais e ao VP o traço  $\pm$ télico, sendo a classe dos *accomplishments* a única passível de alterar o traço  $\pm$ télico do verbo na composição com o argumento interno (ver exemplos (16)), e se Verkuyl (1993) prevê níveis composicionais diferentes para o aspecto, defendemos que há informação lexical que ganha complexidade no VP, mas também há informação flexional.

O aspecto lexical resulta na leitura [ $\pm$ télico] do VP, projetada ou não do verbo (usualmente ilustrada em sentenças infinitivas – ver tabela (11)), e o aspecto gramatical resulta nos valores perfectivo vs. imperfectivo. Numa perspectiva composicional, esses dois níveis têm valores semânticos diferentes, mas com interações marcadas por restrições específicas de língua para língua.

Bertinetto (2001) explora a relação entre o léxico e a flexão, ou entre as leituras [ $\pm$ télico] e [ $\pm$ perfectivo], e pontua a “inevitável” convergência em muitas línguas naturais entre VPs atélicos e o aspecto imperfectivo, de um lado, e VPs télicos e o aspecto perfectivo, de outro. É o que variações das sentenças (17) e (17') apontam, no sentido em que há

contextos naturalmente aceitáveis para (17'')b e c, mas estranhamento (ou restrição) contextual (indicado pelo sinal #) em (17'')a e d:

- (17'') # a. Os alunos souberam matemática/possuíram imóveis/foram italianos.  
 OK b. As crianças nadavam bem/empurravam carrinho.  
 OK c. A Teresa comeu duas maçãs/construiu a casa/ pintou o quadro.  
 # d. A Renata perde a caneta/encontra o livro/ganha as duas partidas.

Bertinetto sistematiza essa convergência através do quadro abaixo, podendo a combinação [–téllico] e [+perfectivo] ganhar restrições também em algumas línguas, conforme as sentenças em (17'')a ilustram para o PB:

	+ perfectivo	– perfectivo
+ téllico	SIM	NÃO
– téllico	SIM	NÃO

A questão central que deriva dessas observações é: Não seriam as leituras do aspecto lexical e do aspecto gramatical redundantes, se traços opostos têm restrição de uso? Bertinetto justifica a distinção através de comparações entre línguas. Nesse sentido, as línguas apresentam tendências diferentes de convergência entre telicidade e perfectividade, e isso seria mais um fator de distinção paramétrica entre elas.

No PB, com morfologia flexional mais rica que as línguas germânicas, há duas formas para a leitura imperfectiva: a terminação *–ia/–va*, conforme ilustrado nas sentenças (17') e a terminação *–ndo* de algumas perífrases de gerúndio:

- (18) a. Os alunos estavam sabendo/ vêm sabendo matemática.  
 b. As crianças estavam nadando/ vêm nadando bem.  
 c. A Teresa estava comendo/ vem comendo duas maçãs.  
 d. A Renata estava perdendo/ vem perdendo a caneta.

É importante observar aqui que as perífrases de gerúndio se comportam cada uma a sua maneira: 1) Estar + *–ndo* (também conhecido como progressivo) pode ter valor passado (estava nadando), presente (está nadando) e futuro (vou estar nadando<sup>19</sup>/estarei nadando), apresentando ambigüidade entre o valor imperfectivo e o habitual, dependendo da classe acional do verbo. O verbo estativo (18)a não aceita o valor habitual, enquanto as classes atividade, *accomplishment* e *achievement* com o traço dinâmico aceitam, conforme vemos em (18)b, c, d (Wachowicz 2003). 2) Vir + *–ndo* pode ter valor temporal no passado (vinha nadando) e no presente (vem nadando), tendo implicações aspectuais diferentes conforme

<sup>19</sup> A forma *ir + estar + –ndo* no futuro é própria de um uso estigmatizado do jargão de telemarketing. Há uma discussão bastante produtiva em torno desta questão que envolve desde artigos de imprensa escrita até discussões na WEB.

o tempo verbal (Wachowicz 2005). 3) Acabar + -ndo, por ter o verbo aspectualizador *acabar* parece neutralizar o valor imperfectivo, marcando um ponto final da ação (*acabou comendo duas maçãs*).

Muitas outras observações poderiam ser feitas sobre as perífrases – não só as de gerúndio. Esse detalhamento não está nos objetivos deste trabalho, mas o fenômeno, além de ser campo de estudo bastante produtivo, é forte evidência para a hipótese de que os níveis de aspecto lexical e aspecto gramatical interagem entre si.

O presente simples no PB também resulta em leitura imperfectiva. Porém sua implicação aspectual vai além disso: a leitura habitual fica evidente em (19), requerendo, sobretudo com verbos *accomplishments* e *achievement*, modificações adverbiais de habitualidade (20). Essa é outra evidência de que os dois domínios aspectuais são independentes, mas relacionáveis:

- (19) a. Os alunos sabem matemática.  
 b. As crianças nadam bem.  
 c. ?A Teresa come duas maçãs.  
 d. ?A Renata perde a caneta.
- (20) a. Os alunos sabem matemática todo começo de bimestre.  
 b. As crianças nadam bem todos os dias.  
 c. A Teresa come duas maçãs todas as semanas.  
 d. A Renata perde a caneta todos os dias.

Com o NP objeto *bare singular* ou *bare plural*, a sentença ganha leitura genérica (Müller 2003), e o presente simples, independentemente da classe acional, dispensa advérbios:

- (21) a. Os alunos sabem matemática.  
 b. As crianças empurram carrinho.  
 c. A Teresa come maçãs.  
 d. A Renata perde caneta.

Quanto ao aspecto perfectivo, há em PB a morfologia do passado perfeito simples, que ilustra prototipicamente os dois domínios aspectuais aqui assumidos em suas diferentes relações. A morfologia *-ou/-eu/-iu* “perfectiviza” o VP, implicando semanticamente que a eventualidade é transmitida como acabada, completada. É como se víssemos a eventualidade por meio de uma câmera de filmagem. Pode-se filmar a eventualidade, tendo-se noção de todo o seu desenvolvimento, principalmente do ponto em que ela se completa (perfectividade). Por outro lado, pode-se dar um *zoom* e filmar um certo ponto da eventualidade, de modo que não se tenha visão das suas bordas, principalmente da borda direita, que é o seu ponto de “completamento”.

Em (22), por exemplo, a morfologia flexional marca a perfectividade das sentenças, mesmo que o VP seja atético, com verbo de estado (22)a ou de atividade (22)b, ou seja tético, com verbo *accomplishment* (22)c ou *achievement* (22)d:

- (22) a. Um dia, João soube matemática.  
 b. As crianças empurraram o carrinho.



- c. A Lígia preparou a aula.
- d. A Fernanda encontrou a caneta.

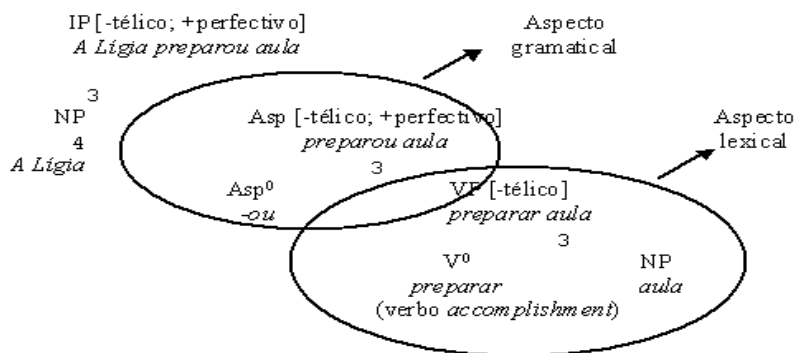
Mesmo com VPs télicos, em (22)c e (22)d, em que a quantificação do NP objeto não tem cardinalidade especificada, a leitura com a morfologia flexional será a perfectiva (22')c e (22')d:

- (22') a. Um dia, João soube matemática.
- b. As crianças empurraram carrinhos.
- c. A Lígia preparou aula.
- d. A Fernanda encontrou canetas.

Há, então, uma sobreposição de valores semânticos que vão formando composicionalmente a sentença. O que está no VP, antes da flexão, é do domínio lexical e informa a pontualidade final (ou não) do evento; e o que está na flexão é do domínio gramatical e informa a completude (ou não) do evento.

Em termos teóricos, a flexão verbal é normalmente considerada como uma operação semântica sobre VP. O esquema simplificado da derivação em (23) sistematiza essa abordagem composicional dos dois domínios do aspecto para uma sentença como (22')c.

(23)



As outras sentenças também teriam seus respectivos valores aspectuais, lexicais e gramaticais:

- (24) a. Um dia, João soube matemática. [-télico; +perfectivo]
- b. As crianças empurraram o carrinho. [-télico; +perfectivo]
- c. A Lígia preparou a aula. [+télico; +perfectivo]
- d. A Fernanda encontrou a caneta. [+télico; +perfectivo]

(25)	a. Os alunos sabiam matemática.	[-télico; -perfectivo]
	b. As crianças nadavam bem.	[-télico; -perfectivo]
	c. A Teresa comia duas maçãs.	[+télico; -perfectivo]
	d. A Renata perdia a caneta.	[+télico; -perfectivo]

Ainda em relação ao aspecto perfectivo, vale lembrar que as perífrases de participio também carregam valor de eventualidade acabada ou completada pela operação da morfologia *-ado/-ido*, tendo cada uma suas propriedades semânticas relacionadas à classe acional do verbo principal, ao tempo verbal e ao verbo auxiliar.

A perífrase *ter + participio*, por exemplo, exhibe comportamentos bastante divergentes dependendo do tempo: no passado, ela só aceita a forma do auxiliar na forma imperfectiva (tinha chovido/ \*teve chovido) e tem denotação dependente de um momento de referência (Reichenbach (1947)) (*Quando a Clarice chegou, a Iara já tinha começado a fala*); no presente, a perífrase tem forte comportamento iterativo no PB (*A Clarice tem nadado muito*), tendo perdido o valor resultativo ainda presente no português europeu (*A Iara tem as paredes da casa pintadas*)<sup>20</sup>.

A morfologia flexional, tanto perfectiva quanto imperfectiva, em tempos simples ou em perífrases, apresenta um vasto campo de análise, sobretudo se forem extrapolados os limites da análise do PB. As línguas germânicas, por exemplo, têm suas particularidades, com morfologia flexional menos produtiva (Verkuyl (2005): 158), mas são as línguas eslavas que apresentam um comportamento absolutamente particular no que se refere ao limite entre aspecto lexical e aspecto gramatical. A próxima seção tem como objetivo explorar esse limite.

## 2.2. AS LÍNGUAS ESLAVAS E A MORFOLOGIA DERIVACIONAL

Até agora, vimos que a (a)telicidade é uma propriedade lexical, projetada ou não ao VP, e que a (im)perfectividade, para o PB, é uma propriedade da flexão verbal. As línguas eslavas colocam em questionamento essa divisão. Elas se caracterizam por apresentar um sistema verbal em que os verbos, lexicalmente, são classificados em dois grupos distintos: os perfectivos e os imperfectivos. É como se as entradas no dicionário, para cada verbo, fossem duas. Se em português temos “escrever”, então haveria outro verbete para “estar escrevendo”. O dado principal é que este fenômeno ocorre por afixação, ou seja, fenômenos de prefixação, ou sufixação, preponderantemente determinam pares aspectuais de uma eventualidade<sup>21</sup>.

Em polonês, por exemplo, alguns verbos, pois nem todos fazem essa oposição por meio de prefixo, derivam da forma imperfectiva através, dentre outros recursos lingüísticos, do acréscimo do prefixo *na-* (Nadalin (2005))<sup>22</sup>:

<sup>20</sup> Ilari 2001 apresenta um estudo sobre a iteratividade da perífrase *ter + participio* no PB.

<sup>21</sup> O par aspectual pode também ser formado por pares como *pisae* e *przepisae* que, além de se diferenciarem pela oposição imperfectivo/perfectivo, apresentam também diferença de significado equivalente àquela expressa por *escrever* e *transcrever* no português (ver Nadalin (2005)).

<sup>22</sup> O polonês é uma língua que não possui artigo. Logo, segundo hipótese de Leiss 2005, a rica morfologia derivacional dos verbos pode ser justificada pela ausência de marcação de definitude dos nomes.

- (26)
- Pisae*
- (estar escrevendo)
- P napisae*
- (escrever)

Em polonês (Nadalin (2005)), como em tcheco (Filip (1996)), o prefixo *na-* seleciona um verbo imperfectivo para resultar num perfectivo. Há uma relação direta com quantificação do NP objeto: o prefixo *na-* requer ocorrência do que Krifka (1992) chama de “tema incremental” em posição de objeto. Esse NP deve, então, denotar partes constitutivas que podem ser partes de um indivíduo singular ou partes de um indivíduo plural (27). Outros prefixos em tcheco diferenciam-se do *na-*: *po-*, por exemplo, mantém a imperfectividade do verbo, mas selecionando NP objeto quantificado no plural para resultar em leitura iterativa (28):

- (27) Peter nám NAvyprávél pøhody ze svych cest  
 ‘Peter nos contou sobre suas viagens’  
 (28) Jana POrozbfjela šálky v myèce  
 ‘Jane quebrou todos os copos (um por um) da máquina de lavar louça’

A pergunta que emerge dos dados das línguas eslavas, de acordo com a oposição dos domínios aspectuais desenvolvida até aqui é: É possível manter, para as línguas eslavas, o posicionamento que prevê domínios diferentes para as informações acionais e aspectuais, já que a oposição imperfectivo vs. perfectivo é marcada no léxico?

De fato, a pergunta não é nem um pouco simples de ser respondida. A literatura da área costuma, inclusive, analisar os fenômenos das línguas eslavas separadamente, como se eles anulassem generalizações lingüísticas normalmente advindas de análise de línguas germânicas (inglês, alemão, holandês e outras do tronco anglo-saxônico) e românicas (português, francês, italiano e outras do tronco latino). Para alguns autores, isso é motivo para sobrepor os traços [ $\pm$ télico] e [ $\pm$ perfectivo]. Delfitto & Bertinetto (2000), por sua vez, aplicam noções de Comrie (1976) para as línguas germânicas e românicas, empregando a nomenclatura dos traços [ $\pm$ télico] e [ $\pm$ terminativo] para os aspectos lexical e gramatical, respectivamente, mas decidem optar pelo termo [ $\pm$ delimitado] ([ $\pm$ bound]) para tratar dos ricos fenômenos lexicais das eslavas, especialmente do búlgaro.

Sob o ponto de vista teórico, o tratamento para as línguas eslavas mistura alternativas que se aplicam às germânicas e românicas. A morfologia derivacional é ainda lexical, mas funciona representacionalmente como operação sobre VP, tal como expusemos para as flexões verbais do PB. Em outras palavras, os afixos são operadores lexicais com escopo sobre a raiz do verbo e sobre a semântica do NP objeto. É o que Verkuyl (1999) propõe para o prefixo *vy-*, do russo, alocando-o na posição Asp, bem como o que Filip (2004) propõe para o operador *na-* e *po-*, do tcheco.

Em síntese, o que acontece nas línguas eslavas é que o aspecto gramatical está no domínio do lexical. Ou seja, o léxico está carregado com as informações relativas às classes acionais e à telicidade, bem como com as relativas ao aspecto perfectivo vs. imperfectivo, pois há raiz verbal e há afixos que trazem, respectivamente, essas informações. Isso justifica a afirmação de que as línguas eslavas têm morfologia flexional “pouco produtiva” (Verkuyl 2005: 159).

Isso nos sugere, em última análise, que a oposição de domínios lexical e aspectual existe em todas as línguas, mas a maneira como elas vão configurar sua realização, com restrições relacionais específicas, vai ser paramétrica de cada uma.

A partir dos dados do PB e dos rápidos exemplos das línguas eslavas, esperamos ter podido mostrar um pouco da complexidade que envolve a relação entre aspecto gramatical e lexical. Conceber essa relação como paramétrica nos parece uma boa saída.

### 3. CONCLUSÃO

Neste artigo, procuramos explorar e, na medida do possível, apresentar didaticamente questões terminológicas sobre o aspecto. Partindo do consenso da literatura, o aspecto deve ser dividido em dois domínios: o lexical e o gramatical. As seções 1 e 2, respectivamente, abordaram cada um desses níveis de leitura aspectual.

O aspecto lexical contém a informação sobre a classe acional do verbo, que projeta o traço  $\pm$ télico ao VP, com exceção dos verbos *accomplishments*, que podem mudar o traço na composição com o OD, pois são sensíveis à quantificação do NP objeto. O aspecto gramatical, por sua vez, advém da flexão verbal e contém a informação sobre a (im)perfectividade da sentença. A relação entre (a)telicidade e (im)perfectividade é mais estreita em algumas línguas e menos em outras. Nas línguas eslavas, por exemplo, esses valores sobrepoem-se numa morfologia derivacional bastante rica.

Mas, se uma divisão preliminar entre aspecto lexical e gramatical já é complexa, inúmeros outros fenômenos lingüísticos podem contribuir para enriquecer a análise dessa questão semântica tão imbricada. Se formos considerar, conforme Castilho 2002, que o aspecto das sentenças de ação (o que ele chamou de face ‘operativa’ do aspecto), além da perspectiva qualitativa, dos valores perfectivo vs. imperfectivo, também apresenta uma perspectiva quantitativa, dos valores episódico vs. iterativo, então muitos dos fenômenos aqui observados podem receber outros comentários. Se, em termos vendlerianos, *desenhar um círculo* é um *accomplishment*, e *desenhar círculos* é uma atividade (seção 1.3), essa afirmativa ganha fortes ressalvas numa perspectiva quantitativa, ainda mais se for considerada a propriedade de referência homogênea característica das sentenças de atividade (seção 1.2).

Partindo um pouco mais verticalmente de questões lingüísticas, o que pode ser um fenômeno quantificacional de um termo como “quase” interno ao VP (*João tomou quase uma garrafa de cachaça*), que neutraliza a telicidade da sentença, torna-se um fenômeno modal se estiver externo ao VP (*João quase tomou uma garrafa de cachaça*), pois neutraliza a verdade da sentença. E que conseqüências teríamos com mudanças flexionais? Como ficaria a leitura aspectual?

Essas questões acima ilustram o quão vasto e interessante é o domínio semântico da leitura aspectual. Elas não têm fim, nem uniformidade entre as línguas. Mas, por concepção, a língua natural se define justamente por isso.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BASSO, R. M.; ILARI, Rodolfo. (2004). Estativos e suas características. *Revista brasileira de lingüística aplicada*, Belo Horizonte, v. 4, p.15-26.
- BERTINETTO, P. M. (2001). On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the 'perfective-telic confusion. In: CECHETTO, C. et alii. *Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications.
- CASTILHO, Ataliba T. de. (2002) O aspecto verbal no português falado. In: *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, v. 7.
- COMRIE, B. (1976). *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DELFITTO, Denis & BERTINETTO, Pier Marco. (2000) Word order and quantification over times. In Higginbotham, J.; Pianesi, F.; Varzi, Achille (eds.). *Speaking of events*. New York, Oxford: Oxford University Press, p.245-287.
- DOWTY, D. (1979). *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- FILIP, Hana. Quantification, aspect and lexicon. In: [www.satanford.edu/~filip/](http://www.satanford.edu/~filip/). Acessado em 20/11/2004.
- ILARI, Rodolfo. (2001) Notas para uma semântica do passado composto em português. In: *Revista Letras*, n. 55, Curitiba: Ed UFPR.
- KRIFKA, Manfred. (1992) Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In SAG, I. A.; SZABOLCSI, A. (Ed.). *Lexical matters*. Stanford: CSLI lecture notes, n. 24, p. 29-53.
- \_\_\_\_\_. (1998). The origins of telicity. In: Susan Rothstein (ed.), *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- LEISS, Elisabeth. (2005) Aspects on aspect and definiteness. Handout do curso na Semana de Eventos – CCE/UFSC. Florianópolis-SC.
- LENCI, Alessandro & BERTINETTO, Pier Marco. (2000) Aspect, adverbs and events – habituality vs. Perfectivity. In Higginbotham, J.; Pianesi, F.; Varzi, Achille (eds.). *Speaking of events*. New York, Oxford: Oxford University Press, p.245-287.
- LOBATO, L. (2004). Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRI, L. et alii. *Sentido e Significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto.
- MÜLLER, Ana Lúcia. (2003). A expressão da genericidade nas línguas naturais. In: Müller, A.L.; Negrão, E.V.; Foltran, M.J.D. *Semântica formal*. São Paulo: Contexto.
- PARSONS, T. (1990). *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge, MA: MIT Press.
- PUSTEJOVSKY, J. (1996) *The generative lexicon*. Cambridge, MA: MIT Press.
- REICHENBACH, Hans. (1947) *Elements of symbolic logic*. New York: Macmillan.
- ROTHSTEIN, S. (2004). *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspects*. Oxford: Blackwell Publishing.
- SMITH, C. (1991). *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer.
- VENDLER, Z. (1967). *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, NY: Cornell.

## WACHOWICZ / FOLTRAN – Sobre a noção de aspecto

---

VERKUYL, H.J.. (1972) *On the compositional nature of the aspects*. Foundations of Language. Supplementary Series. Vol 15. D Reidel Publishing Co., Dordrecht, Holland.

\_\_\_\_\_. (1989) Aspectual classes and aspectual composition. *Linguistics and Philosophy*, n. 12, p. 39-94, 1989.

\_\_\_\_\_. (1993) *A theory of aspectuality* – the interpretation between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. (1999). *Aspectual issues* - studies on time and quantity. Stanford: CSLI Publications.

\_\_\_\_\_. (2005). How (in-)sensitive is tense to aspectual information? In: Hollebrandse, B et alii. *Crosslinguistic Views on Tense. Aspect and Modality - Cahiers Chronos 13*. Amsterdam, New York: Rodopi B.V. p. 145-169.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. (2003). *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. São Paulo, Tese (Doutorado em Linguística) – Pós Graduação em Linguística, USP.

\_\_\_\_\_. (2005). O aspecto do auxiliar. Comunicação apresentada em reunião do GT 'Teoria da Gramática', da ANPOLL. UFMG. Ouro Preto-MG